

Desvendando Heleieth Saffioti

Daniele Cordeiro Motta*

Resumo:

Esse texto busca contextualizar a formulação da autora sobre o nó de gênero, raça/etnia e classe; que é, basicamente, a articulação do que a autora considera as três contradições fundantes da nossa sociedade. Entendemos que a contribuição de Saffioti é uma abordagem, brasileira, da teoria da articulação de gênero, raça e classe. Dessa forma, situamos a autora no campo de estudos sobre interseccionalidades, ressaltando a importância da contribuição da autora na análise da relação entre os aspectos da diversidade social brasileira e suas relações com a desigualdade de classes. Para tanto, discutiremos a importância da categoria do patriarcado para a análise que Heleieth Saffioti faz, apontando as possibilidades de diálogos entre a concepção feminista e seu uso na tradição do pensamento brasileiro.

Palavras-chave: Heleieth Saffioti; patriarcado; gênero; nó.

Revealing Heleieth Saffioti

Abstract:

This article attempts to contextualize the author's formulations on the "node" of gender, race/ethnicity and class, which is the articulation of what the author considers the three founding conditions of our society. We understand that Saffioti's contribution is a Brazilian perspective on the theory of the articulation between gender, race and class. In this way, we situate the author in the field of studies on intersectionality, highlighting the importance of her contribution to the analysis of the relationship between the different aspects of Brazilian social diversity and class inequality. To that end, we discuss the importance of the category of patriarchy for Heleieth Saffioti's analysis, pointing to the possibility of dialogues between the feminist conception and its use in the tradition of Brazilian thought.

Keywords: Heleieth Saffioti; patriarchy; gender; node.

Introdução

Retomar o pensamento de Heleieth Saffioti traz inúmeros desafios e possibilidades. Desafios porque a leitura dos seus textos é um tanto complexa e seu entendimento passa pela compreensão de diversos autores e autoras de muitas áreas do conhecimento com os quais a autora dialogava. Por outro lado, as

* Doutora em Sociologia. Pesquisadora de pós-doutorado em Sociologia na Unicamp, Campinas-SP, Brasil. Bolsista CNPQ. Autora da tese *Desvendando o nó: a experiência de auto-organização de mulheres catadoras de materiais recicláveis do Estado de São Paulo*, Unicamp, 2016. End. eletrônico: danibis.motta@gmail.com

possibilidades abertas são imensas e Saffioti nos deixa pistas relevantes para as análises das desigualdades sociais no Brasil e suas conexões.

Desde seu primeiro livro *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade* a autora se vincula à perspectiva marxista como um pilar de sua análise social, refletindo sobre a forma como a contradição da sociedade de classes se articula com outras hierarquias sociais, focalizando sobretudo a questão de gênero. Heleieth Saffioti salientou a relação entre homens e mulheres na sociedade capitalista, fundamentando a necessidade da análise das hierarquias sociais que se mantiveram mesmo com o advento do capitalismo. Isso porque as hierarquias sociais estão presentes na sociedade humana há muitos anos e influenciam na maneira como fazemos a distribuição e a apropriação dos bens materiais produzidos, bem como das técnicas de poder, para a conservação ou transformação dos privilégios sociais. A autora destacou a questão de gênero como um dos pilares de manutenção de privilégios, hierarquias e status social.

Apesar dos estudos de gênero terem sido tratados como uma descoberta da área das “perfumarias”, para usar os termos de Saffioti, nos últimos anos houve maior visibilidade nos embates que dizem respeito aos aspectos da diversidade social, com destaque para as teóricas feministas, que foram protagonistas trazendo o debate não só das relações de gênero, mas das diferenças sociais (e das hierarquias construídas histórica e socialmente a partir dessas diferenças) de maneira a articular gênero com outras clivagens sociais, como: raça e classe sem hierarquizá-las.

Constata-se, a partir desses estudos, um desafio teórico-político no que se refere à forma de tratamento da relação entre a diversidade social e a desigualdade, sendo este um debate que ganha fôlego como um dos grandes temas a ser enfrentado nas Ciências Sociais. Entendemos que diversidade se refere às expressões culturais, linguísticas, religiosas etc., enquanto que desigualdade se refere à quebra da regra de igualdade de tratamento e de oportunidades na esfera pública (Guimarães, 2012). Devemos refletir, portanto, na relação dinâmica entre diversidade e desigualdade, nos atentando, pois, para a máxima de que a diversidade social não deve esconder a desigualdade social. Tendo em vista que no Brasil existe uma diversidade tão grande, que nem sempre é representada pelo Estado, e mesmo nos processos de reconhecimento do Estado em torno das questões da diversidade, estas não necessariamente estão articuladas a uma política de combate à desigualdade.

¹ Cabe lembrar que quando Saffioti escreveu esse livro, o conceito de gênero ainda não havia sido elaborado, por isso ela utiliza o termo sexo, para ressaltar as desigualdades entre homens e mulheres. Antes da utilização e difusão do conceito pelas teóricas feministas, esse campo do conhecimento era tratado como estudos sobre mulheres. Saffioti é a primeira autora no Brasil, com a tese *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, a escrever sobre mulheres e a relação entre mulheres e homens.

As ideias de Saffioti auxiliam para avançarmos no entendimento dessa articulação, tendo em vista que propõe como perspectiva analítica a imbricação de gênero, raça e classe. Essa concepção permite que façamos uma reflexão do processo histórico social de construção das desigualdades no Brasil que ajuda a compreender a ação organizada dos agentes humanos na sua multiplicidade.

Para tentar dar conta da complexidade social, das lutas em torno do reconhecimento, da valorização das diferenças e também da distribuição dos bens produzidos traremos a contribuição de Heleieth Saffioti a partir da sua leitura sobre as mulheres no capitalismo brasileiro, a manutenção do patriarcado enquanto sistema de poder que subalterniza as mulheres e da ideia do *nó* de gênero, raça/etnia e classe.

Heleieth Saffioti parte da universalidade da relação capital e trabalho (tendo em vista que está analisando a sociedade capitalista) sem, entretanto, menosprezar as especificidades de tal relação em cada manifestação histórica, atenta para as especificidades das diferenças relativas ao sexo.

Estamos partindo de uma ideia de diferença tal qual foi produzida por Avtar Brah (2006, p. 374), para quem “a diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. Portanto, é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade”. É primordial, entretanto, que se contextualize a diferença, tendo em vista que não há uma desigualdade intrínseca a nenhuma diferença, sendo necessário analisar a partir de cada experiência histórico-social. O que importa, para fins da nossa análise, é entender quando diferença resulta em desigualdade, pois essa é uma questão fundamental para pensarmos as categorias articuladas, e o *nó* proposto por Saffioti. Se partirmos do pressuposto de que a diferença constitui a base para a construção do poder (Saffioti, 1992, p.192), saber sua origem histórica permite pensarmos as hierarquias sociais e as desigualdades nelas presentes. Para tanto, pousaremos em solo brasileiro tentando situar a importância da análise articulada a partir do nosso histórico de colonização e escravidão. Entendemos que Heleieth Saffioti está inscrita numa tradição de pensar o Brasil, sendo que seu livro *A Mulher na sociedade de classes* foi redigido na década de 1960, momento em que havia uma efervescência no debate intelectual sobre as possibilidades de desenvolvimento do país, e as possibilidades de superação das desigualdades sociais². É importante

² O contexto sociopolítico de intenso desenvolvimento industrial a partir da década de 1950 criou um clima de euforia e esperança no futuro do Brasil como nação. O empenho dos intelectuais da época se dava na intenção de problematizar os processos histórico-sociais peculiares ao desenvolvimento do Brasil: a colonização e a subordinação no cenário capitalista mundial. Situamos a autora nesse contexto e ressaltamos que a análise da mulher na sociedade de classes é um aspecto primordial para a reflexão da superação das desigualdades no capitalismo brasileiro, ainda que essa visão não fosse ressaltada com algo fundamental na época.

situar a autora nesse cenário tendo em vista que no seu primeiro livro aparece uma leitura sobre o Brasil que não é ressaltada. Heleieth deveria ser considerada uma contribuição para pensar o Brasil, por pelo menos dois motivos: porque foi pioneira em trazer o estudo da questão da mulher na sociedade brasileira; por que faz isso articulando a questão de ‘sexo’ e classe³. Para isso discute a transição da sociedade escravocrata e senhorial para a sociedade de classes, refletindo sobre as especificidades dessa mudança e as reminiscências do patriarcado e da escravidão para a sociedade capitalista no Brasil. Ressaltamos dessa forma que *A Mulher na Sociedade de classes* traz uma análise pioneira sobre as relações capitalistas e de gênero no Brasil e que a autora está inserida numa tradição de pensamento uspiano – tendo Florestan Fernandes como referência – que se preocupou em desvendar aspectos da diversidade social que formava a nação brasileira, como por exemplo a questão do índio, do negro e da mulher. No prefácio que Antonio Candido faz ao livro de Saffioti, ele destaca que ela não separa o problema da mulher dos problemas gerais da sociedade, avançando na análise que busca compreender a relação entre diversidade social e as desigualdades sociais inauguradas pela sociedade de classes e o capitalismo no Brasil.

Hoje pode parecer óbvio dizer que a classe trabalhadora tem dois sexos. Mas no momento em que Saffioti escrevia, sua tese teve que abrir os caminhos para que pudéssemos valorizar as análises de gênero no interior dos debates sociológicos. Se hoje temos os estudos de gênero como um campo de pesquisa consolidado, Saffioti teve uma importante contribuição para o percurso que diversas pesquisadoras puderam fazer posteriormente.

Gênero e patriarcado

Para compreendermos o pensamento da Saffioti sobre o *nó* é necessário darmos um passo atrás para situar a análise da autora sobre gênero e patriarcado. Entendemos que é impossível fazer a leitura do *nó* sem olhar para suas formulações sobre o patriarcado.

Os textos de Heleieth nos colocam diante de uma dupla compreensão do uso do termo patriarcado⁴: a primeira refere-se à herança que a autora carrega

³ Vale lembrar que a autora de *A mulher na sociedade de classes* utiliza o termo sexo para designar a relação entre homens e mulheres. O conceito gênero só foi elaborado depois, e será incorporado pela autora, como é possível perceber nos seus textos posteriores.

⁴ A reflexão sobre o caráter da Família patriarcal no Brasil e as possibilidades de olharmos para essa questão com um olhar feminista (ou seja, apontando a dominação masculina sobre a vida das mulheres) ainda precisa ser melhor estudada, apontaremos aqui alguns indícios do que entendemos ser a contribuição de Saffioti sobre o tema, sem pretender esgotar as possibilidades de olhar para essa questão. Outras autoras estão se debruçando sobre essa temática, para citar apenas uma cf. Aguiar (2000).

das análises sobre a família patriarcal no Brasil, vindo, portanto, de uma leitura sobre a formação social brasileira, bastante visível no seu livro *A mulher na sociedade de classes*, demonstrando um intenso diálogo e conhecimento com pensadores clássicos do Brasil.

A segunda compreensão é a mais conhecida e ressaltada na obra de Saffioti, com um viés explicitamente feminista, a partir da ideia da dominação masculina. Foi a partir da década de 1970 que as feministas, sobretudo no interior do que ficou conhecido como feminismo radical, passaram a utilizar o patriarcado para denunciar a dominação dos homens sobre as mulheres bem como as relações entre esses (Saffioti, 2015). A leitura dos textos de Saffioti abre uma chave para pensarmos a possibilidade de diálogo com as duas tradições de pensar o patriarcado no Brasil.

Desde a difusão do conceito de gênero como uma forma de pensar as relações socialmente construídas entre homens e mulheres, a noção de patriarcado passou a ser questionada, acusada de ser uma maneira universal de relações de gênero, e que, portanto, tratava de forma única as relações de poder entre homens e mulheres nos diferentes contextos e lugares. O termo patriarcado passou a ser considerado por muitas teóricas como a-histórico e insuficiente para tratar das relações de gênero⁵. Heleieth Saffioti é uma das teóricas do campo do feminismo que vai na contramão dessa tendência, pois ao mesmo tempo que absorve o conceito de gênero insiste na utilidade do patriarcado para análise das relações entre homens e mulheres. A ideia central da autora consiste em ao invés de abandonar a ideia do patriarcado, questionar a sua validade universal e delimitar seus limites e fronteiras históricas. Se tomarmos o Brasil como uma fronteira histórica a utilização do termo patriarcado deve ser desvelado a partir da especificidade da nossa formação social. Entendemos que este foi um dos referenciais da autora para traçar os aspectos importantes da história brasileira junto com a reflexão dos lugares que mulheres – brancas e negras – ocupavam no passado colonial e escravista.

A leitura sobre a família patriarcal no Brasil aponta o papel do chefe de família, do pai para a manutenção das relações de poder durante a colonização. A forma de organização social mantinha as mulheres em uma situação social de subordinação, cumprindo papéis sociais a depender da posição que ocupavam na sociedade. O fator racial era determinante para isso, sendo que às mulheres

⁵ Acusada de ser uma maneira universal de relações de gênero, e que, portanto, tratava de forma única as relações de poder entre homens e mulheres nos diferentes contextos e lugares, que o conceito de patriarcado deixou de ser utilizado por muitas teóricas feministas. No livro *Gênero, patriarcado e violência* fica explícito o posicionamento da autora no que se refere a utilização do patriarcado e ao embate no campo do feminismo por defender sua relevância.

brancas das classes dominantes cabia a função de esposa e de mãe dos filhos legítimos; casavam bem cedo, passando do poder do pai para o poder do marido; raramente era permitido que saíssem de casa, a não ser para ir à Igreja (Saffioti, 2013). A autora ainda aponta que as mulheres que tentavam burlar a ordem patriarcal eram punidas com crueldade, e as possibilidades que as mulheres brancas tinham na família patriarcal eram poucas: ou o casamento ou a reclusão num convento (as idas para os conventos se davam muito mais pela atitude dos homens que pela vontade das mulheres). Por outro lado, para as mulheres negras a família patriarcal teve outro caráter. As mulheres escravizadas tinham dois papéis importantes: no sistema produtivo e nos serviços sexuais que eram obrigadas a prestar, eram responsáveis pela satisfação sexual do senhor (Saffioti, 2013). Essa é uma questão importante pois é a partir do abuso das mulheres negras que surgem muitos filhos bastardos dos senhores, e a miscigenação. A apologia à miscigenação como caráter nacional tem origem no abuso, no estupro das mulheres negras! Desde esse ponto de vista, a miscigenação tem um caráter altamente opressor e patriarcal, e foi uma das peças ideológicas fundamentais para a sustentação da ideia de democracia racial no país (Munanga, 1996).

Estamos focando na família patriarcal, pois esse aspecto da história brasileira é importante para a reflexão dos lugares que mulheres brancas e negras ocupavam e ainda ocupam na nossa sociedade, e também para o entendimento das heranças patriarcais no imaginário do povo brasileiro. Com isso o conceito de patriarcado tem uma especificidade no contexto brasileiro e deve ser incorporado nas análises que pensam ainda hoje as desigualdades de gênero, uma vez que o desenvolvimento capitalista no Brasil se deu impregnado da dominação patriarcal, e também com um caráter fortemente racista.

O passado escravista e colonial colocou as mulheres negras em uma situação de ampla desvantagem, e é importante situar que mesmo depois da abolição tais desigualdades não foram corrigidas. Dessa forma, pensar o processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil nos leva a refletir sobre a relação que se estabeleceu entre a desigualdade já inerente a sociedade estratificada em classes sociais, e sua relação com as desigualdades raciais e de gênero foi reforçada e reciclada pela desigualdade racial. Tendo em vista os processos histórico-sociais é necessário que façamos a reflexão de como as três formas de dominação (racismo, patriarcado e capitalismo) incidem ainda hoje na vida dessas mulheres, pensando suas transformações e conservações.

Sendo o patriarcado um sistema de dominação anterior ao capitalismo, ele se molda para coexistir e potencializar o processo de dominação/exploração. Essa relação é alterada conforme o contexto social e os processos de desenvolvimento e crise por qual passa o capitalismo desde sua gênese. Portanto, “não há

de um lado dominação patriarcal e, de outro, a exploração capitalista, não existe um processo de dominação separado de outro de exploração” (Saffioti, 2015, p. 138).

É importante destacar, entretanto, que o patriarcado não é o único estruturador da sociedade, Saffioti trabalha com a ideia da fusão entre patriarcado-capitalismo, e junto delas o racismo. Concebe as diferentes origens dessas três relações sociais, mas aponta para a sua fusão e retroalimentação.

Saffioti vai falar dessa forma explicitamente articulada no seu texto “o poder do macho” (1987), depois disso todos os textos dela em que eu tive a oportunidade de ler falam dessa articulação.

Portanto, para fins de entendimento do pensamento da Saffioti, é necessário a utilização do termo gênero e patriarcado conjuntamente, tendo em vista que o conceito de gênero não explicita, necessariamente, a desigualdade entre homens e mulheres; assim como o patriarcado da forma como foi cunhado não pressupõe uma relação de exploração (Saffioti, 2015). Para a autora estas duas dimensões constituem faces de um mesmo processo de dominação-exploração ou exploração-dominação. A autora destaca que a dimensão econômica do patriarcado não repousa apenas na desigualdade salarial, ocupacional e na marginalização dos importantes papéis econômicos e políticos, mas inclui o controle da sexualidade e a capacidade reprodutiva das mulheres.

Por que se manter o nome patriarcado? Sistematizando e sintetizando o acima exposto, porque: 1) não se trata de uma relação privada, mas civil; 2) dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição (...) 3) configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade; 4) tem uma base material; 5) corporifica-se; 6) representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência (Saffioti, 2015, p. 60).

A sistematização da autora coloca o patriarcado como uma importante ferramenta analítica, e aponta que o uso simultâneo dos dois conceitos delimita a existência de uma desigualdade, portanto utiliza o patriarcado como uma forma específica das relações de gênero.

Tomando isso como base, podemos dizer que o conceito de patriarcado tem uma especificidade no contexto brasileiro e deve ser incorporado nas análises que pensam ainda hoje as desigualdades de gênero, uma vez que o desenvolvimento capitalista no Brasil se deu impregnado da dominação patriarcal e com um caráter fortemente racista. Dessa forma, o racismo e a opressão de gênero são elementos estruturais de marginalização social e deve ser analisado junto ao processo de consolidação do capitalismo no Brasil, Heleieth Saffioti é uma autora que nos ajuda a fazer essa reflexão articulada.

A metáfora do nó

As teorias que pensam a articulação⁶ de gênero, raça e classe surgiram no campo do feminismo, e embora o feminismo não seja uma corrente teórica unificada, houve, nas últimas décadas, a consolidação dessa nova perspectiva que pressupõe a articulação das relações sociais de poder, sem hierarquizá-las. Foi a partir da relação entre a teoria e os movimentos feministas que esse debate ganhou relevância, tendo como protagonismo as mulheres negras em sua contundente crítica ao movimento feminista, que utilizava a categoria “mulher” de maneira universal. A crítica se dava pelo fato de as feministas não levarem em consideração as diferenças raciais. As ativistas afrodescendentes norte-americanas do *Coletivo Combahee River*⁷, foram pioneiras ao pautarem a questão da imbricação das relações de raça, classe, sexo como elemento político importante (Falquet, 2008). Diante das inúmeras críticas ao movimento feminista, surgiu a necessidade de articulação, o que resultou no questionamento da origem das diferenças e suas relações com a desigualdade.

Saffioti, durante a sua trajetória está em diálogo com a teoria e o movimento feminista e, desde antes da sua formulação mais acabada sobre o nó já pensava nas inter-relações entre as questões de gênero, raça e classe. Na leitura de seu livro *A mulher na sociedade de classes* já é possível perceber as tentativas de articulação que busca fazer ao desvendar a condição da mulher numa sociedade de classes; ainda que essa formulação pudesse não estar elaborada de forma mutuamente determinante, tal como fará posteriormente.

Heleieth Saffioti é uma das responsáveis pelo debate articulado de gênero, raça/etnia e classe no Brasil. Tal questionamento também foi feito por ativistas negras brasileiras, como Lélia Gonzalez e seu grupo, o Coletivo Luiza Mahin. No final da década de 1970 e início da década 1980, as feministas negras trouxeram uma importante contribuição para o debate ao sugerirem que gênero não fosse pensado apenas em si mesmo, mas articulado com outras diferenças sociais, dentre elas a “raça”. Lélia Gonzalez foi uma das principais responsáveis por introduzir as discussões de gênero e raça nos espaços públicos, pensando os efeitos particulares do machismo e do racismo para as mulheres negras. Os escritos de Lélia Gonzalez e os estudos do coletivo Luiza Mahin, criado no in-

⁶ Existem ao menos duas teorias que estão situadas nesse campo: a teoria interseccional, conceito formulado em 1989 pela jurista estadunidense Kimberle Crenshaw e a teoria da consubstancialidade, formulada pela socióloga francesa Daniele Kergoat.

⁷ O Coletivo *Combahee River* foi uma organização de mulheres negras lésbicas que problematizou a questão da universalidade das teorias sobre as mulheres e pautou a questão da imbricação entre as diferentes relações sociais pensando na heterogeneidade das mulheres. Ver o Manifesto do Coletivo Combahee River neste número de *Lutas Sociais*.

terior do Movimento Negro Unificado (MNU), são elementos importantes para entendermos a radicalização do debate sobre a mulher negra e o protagonismo dessas mulheres no país, bem como a criação de um campo de reflexão que buscasse articular as diferentes formas de dominação.

Apesar de ainda não sabermos detalhadamente da relação de Heleieth Saffioti com o feminismo negro, seja no Brasil ou fora daqui, ela está inserida nesse contexto, e poderíamos dizer que também é fruto desse período histórico de reflexão e contestação. Por isso, acreditamos que não é uma coincidência que a ideia do *nó* surja nesse momento.

Quando escreve seu livro *O poder do macho* (1987), a ideia da fusão já aparece explicitamente como simbiose de patriarcado-racismo-capitalismo.

É impossível isolar a responsabilidade de cada um dos sistemas de dominação-exploração fundidos no patriarcado-racismo-capitalismo pelas discriminações diariamente praticadas contra as mulheres. De outra parte, convém notar que a referida simbiose não é harmônica, não é pacífica. *Ao contrário, trata-se de uma unidade contraditória* (Saffioti, 1987, p. 62 – grifos nossos).

O *nó* formado pelas três contradições não é uma somatória, mas uma imbricação dessas relações, que torna a análise complexa.

O *nó* formado por estas três contradições apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. Não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta dessa fusão (...). Uma pessoa não é discriminada por ser mulher, trabalhadora e negra. Efetivamente, uma mulher não é duplamente discriminada, porque, além de mulher, é ainda uma trabalhadora assalariada. Ou, ainda, não é triplamente discriminada. Não se trata de variáveis, mas sim de determinações, de qualidades, que tornam a situação destas mulheres muito mais complexa (Saffioti, 2015, p. 122-3).

Saffioti enfatiza a análise destas três contradições enoveladas ou enlaçadas em um *nó*. A metáfora do *nó* é uma ferramenta analítica para pensarmos as conexões entre os marcadores sociais da diferença, pois segundo a autora “Não se trata do *nó* górdio nem apertado, mas do *nó* frouxo, deixando mobilidade para cada uma de suas componentes” (Saffioti, 2015, p. 133). Essa imagem do *nó* frouxo é bastante interessante, pois destaca as três relações como estruturantes e permite mobilidade entre elas. Essa ideia nos parece mais do que isso, pois torna possível que na análise das relações sociais, seja nítida a diferença na desigualdade. Isso porque ainda que a constituição das relações desiguais de raça, classe e gênero sejam estruturantes na sociedade brasileira, elas perpassam outras formas de diferenciação, que se entrecruzam com essas, como linhas que passam entre esse *nó* frouxo, como: a geração, sexualidade, religiosidade, nacionalidade. Além disso,

a ideia do *nó* auxilia a entender os processos sociais em suas dimensões micro e macro, pois aponta o emaranhado dos processos macrosociais, nas estruturas históricas nas quais elas se criaram e se consolidaram. Essa perspectiva de análise, a partir da ideia do *nó*, pretende evitar hierarquizações entre essas relações (Saffioti, 2015).

Nosso entendimento sobre a ideia do *nó* frouxo proposto por Saffioti, é que este permite a utilização das relações de gênero, raça e classe e a inclusão de outras formas de diferenciação (que não são as contradições fundantes, mas não deixam de ser relevantes e interferirem nas relações). Para tal análise, devemos partir das estruturas históricas e das formas como cada formação social consolidou suas relações sociais e seus espaços institucionalizados. As estruturas que se consolidaram no Brasil colocaram gênero, raça e classe como articulações macro, fundantes, que determinam as relações sociais. Partindo do pressuposto de que as relações sociais são dinâmicas, aparecem em contextos micros outras formas de diferenciações sociais que se articulam com as desigualdades de gênero, raça e classe. A teoria do *nó* de Saffioti (com a ideia do *nó* frouxo) parece uma interessante maneira de articular as relações estruturais com as contextuais. A questão que está colocada é a relação entre diferença e desigualdade; a diferença pode se tornar desigualdade a depender do contexto em que se estrutura e, pensando no desenvolvimento do capitalismo no Brasil, podemos concluir que as relações de gênero e de raça se consolidaram como eixos de diferenciação que promoveram exclusões e se tornaram, dessa forma, desigualdades.

A ideia do *nó* frouxo também reflete o comprometimento que tinha com a análise empírica, bastante marcante ao longo de sua trajetória de pesquisa⁸. O pensamento da autora é dinâmico e reflete as questões concretas da vida social tanto do ponto de vista sociológico, das teorias sociais, como do ponto de vista dos movimentos sociais, da luta organizada. Então esse *nó* frouxo também é resultado de anos de estudo e comprometimento com a empiria, com o olhar interessado para a realidade social. E olhar para isso é afrouxar esse *nó*, é entender a diversidade das experiências sociais em suas relações com as desigualdades.

Com essa reflexão, situamos Heleieth Saffioti no interior desse debate que vem ganhando força nos últimos tempos, polarizado pelas ideias de interseccionalidade e consubstancialidade, que atenta para a não hierarquização das relações de exploração/dominação.

⁸ Heleieth Saffioti fez vários trabalhos que envolveram um mergulho no campo de pesquisa, na empiria, uma vez que buscava desvendar os lugares ocupados pelas mulheres na sociedade brasileira. Para mencionar parte deles, ela estudou o trabalho das mulheres na confecção, o trabalho das professoras primárias, o trabalho doméstico, as violências sofridas pelas mulheres etc.

Se um dos problemas fundamentais para o ofício das(os) sociólogas(os) consiste em entender como os diferentes problemas da diversidade vem sendo representado nas instituições, a retomada dos trabalhos de Saffioti trazem muitas pistas para o entendimento da realidade brasileira a partir da diversidade do nosso povo e suas relações com as desigualdades sociais. Nesse sentido, seu trabalho é singular e original e vem mostrando sua atualidade e importância.

Referências

- AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e Estado*, Brasília, vol. 15, n. 2, 2000.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, 2006.
- CRENSHAW, Kimberle. Documentos para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 10, n.1, 2002.
- FALQUET, Jules. Repensar as relações sociais de sexo, classe e “raça” na globalização neoliberal. *Mediações*, Londrina, vol.13, n.1-2, 2008.
- FERNANDES, Florestan (2010). *Círculo fechado: quatro ensaios sobre o “poder institucional”*. São Paulo: Globo, 2010.
- _____. *A Integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca*. vol. I. São Paulo: Globo, 2008a.
- _____. *A integração do negro na sociedade de classes: no limiar da nova era*. vol. II. São Paulo: Globo, 2008b.
- _____. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Florestan Fernandes. São Paulo: Globo, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2004.
- GONÇALVES, Renata. O pioneirismo de *A mulher na sociedade de classes*. In: SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- GONZÁLEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tania Regina Oliveira (orgs.). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.
- _____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Caxambu, Anpocs, 1984.

- _____. O movimento negro na última década. In: GONZÁLEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos (orgs.). *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982.
- GUIMARÃES, Antonio Sergio. *Desigualdade e diversidade: os sentidos contrários da ação*. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília Moritz (orgs.). *Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, vol. 86, 2016.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2004.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.
- _____. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- _____. Quantos sexos? Quantos gêneros? Unissexo/Unigênero? *Cadernos de Crítica Feminista*, Recife, Ano III, n. 2, 2009.
- _____. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.16, 2001.
- _____. Pós-fácio: conceituando gênero. In: SAFFIOTI, Heleieth; MUÑOZ-VARGAS, Monica (orgs.). *Mulher Brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; NIPAS: Brasília, D.F.: UNICEF, 1994.
- _____. Diferença ou indiferença: gênero, raça/etnia e classe social. In: ADORNO, Sergio (org.). *A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- _____. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Christina. (orgs.). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Rosa dos Tempos; Fundação Carlos Chagas, 1992.
- _____. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- _____. *Mulher brasileira: opressão e exploração*. Rio de Janeiro: Achimé, 1984.
- _____. *Emprego doméstico e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1978.